

José Gomes Ferreira

AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO

PANFLETO MÁGICO EM FORMA DE ROMANCE

35.^a edição



Índice

I O homem sem cabeça	11
II A árvore dos dez braços	20
III A colina de cristal	27
IV O gramofone com asas	38
V O condão do sacrifício	48
VI A sala sem portas	57
VII A cidade da confusão	68
VIII O príncipe das orelhas de burro	78
IX A princesa n.º 46 734	88
X Os três incompetentes triunfantes	99
XI O João Medroso	109
XII O ar envenenado	121
XIII O museu da fábula	132
XIV A menina dos pés ocos	141
XV O regresso	150
Nota final da 2. ^a edição	165

I

O homem sem cabeça

Era uma vez um rapaz chamado João que vivia em Chora-Que-Logo-Bebes, exígua aldeia aninhada perto do Muro construído em redor da Floresta Branca onde os homens, perdidos dos enigmas da infância, haviam estalado uma espécie de Parque de Reserva de Entes Fantásticos.

Apesar de ficar a pouca distância da povoação, ninguém se atrevia a devassar a floresta. Não só por se encontrar protegida pela altura descomunal do Muro, mas principalmente porque os choraquelogobebenses – infelizes chorincas que se lastimavam de manhã até a noite – mal tinham força para arrastar o bolor negro das sombras, quanto mais para se aventurarem a combater bichas de sete bocas, gigantes de cinco braços ou dragões de duas goelas. Preferiam choramingar, os maricas!, agachados em casebres sombrios, enquanto lá por fora chovia com persistência implacável (como se as nuvens estivessem forradas de olhos) e dos milhares e milhares de chorões – as árvores predilectas dessa gente – pingavam folhas tristes. Tudo isto incitava os habitantes da aldeia a andarem de monco caído, sempre constipados por causa da humidade, e a ouvirem com delícia canções de cemitério ganidas por cantores trajados de luto, ao som de instrumentos plangentes e monótonos.

O único que, talvez por capricho de contradizer o ambiente e instinto de refilar, resistia a esta choradeira pegada, era o nosso João que, em virtude duma contínua ostentação de bravata alegre e teimosa na luta, todos conheciam por João Sem Medo.

Ora um dia, farto de tanta chorinquice e de tanta miséria que gelava as casas e cobria os homens de verde, disse à mãe que, conforme a tradição local, lacrimava no seu canto de viúva:

– Mãe: não aturo mais isto. Vou saltar o Muro.

A pobre desatou logo aos berros de súplica que abalaram o Céu e a Terra:

– Ah! não vás, não vás, meu filho! Pois não sabes que essa Floresta Maltida está povoada de Canibais Mágicos que se alimentam de sangue de homens? Sim, meu filho, de sangue humano bebido por caveiras. Não vás! Não vás!

E durante horas não cessou de barregar, histérica:

– Ai que não torno a ver o meu rico filhinho!

Mas as implorações da mãe não impediram que, na manhã seguinte, João Sem Medo se esgueirasse de Chora-Que-Logo-Bebes e se dirigisse à socapa para o tal Muro que cercava a floresta e onde alguém escrevera este aviso:

É PROIBIDA A ENTRADA
A QUEM NÃO ANDAR
ESPANTADO DE EXISTIR

Nem leu o palavreado do letreiro até ao fim. Graças ao arrimo de uma trepadeira providencial e auxiliado pelas sentinelas invisíveis que guardavam aquela selva misteriosa e pretendiam facilitar-lhe a entrada, não sei

com que intuítos secretos, chegou com agilidade ao topo da muralha. Uma vez lá em cima, o problema simplificou-se mais ainda. Outra trepadeira miraculosa e pronto: João Sem Medo desceu a pulso, com os pés a apoiarem-se aqui e acolá nas juntas das pedras esverdeadas de musgo escorregadio. E assim conseguiu alcançar o solo da floresta que não tardou a explorar com lentidão prudente de quem receia ciladas e monstros ocultos no mato.

Ao princípio nada descobriu. Pela abóbada densa da folhagem penetravam a custo raríssimos raios de sol que, de espaço a espaço, acendiam manchas claras no chão fofo de séculos de líquenes, cogumelos apodrecidos e ramos secos.

Só passado um bom quarto de hora, quando os olhos se habituaram à meia treva, João Sem Medo deu conta deste espectáculo na verdade surpreendente: as *árvores espreguiçavam-se*, enquanto os pássaros, em lugar de cantarem, abriam os bicos em bocejos melódiosos. Ao mesmo tempo, alongadas na terra, com as cabecinhas de cores nos travesseiros das ervas, as flores ressonavam alto perfumes intensos. E as fontes embaladoras desdobravam o seu vagaroso sussurro de tédio dormente. O próprio João Sem Medo começou a sentir um torpor de morte provisória a pesar-lhe nas pálpebras e a tolher-lhe os braços e as pernas. De tal forma que resolveu *acordar-se* com dois ou três gritos e insultos que vararam a Floresta Adormecida:

– Então aqui não vive ninguém? Nem nereidas, nem faunos, nem gnomos, nem nada? Foi para esta pasma-ceira que eu escalei o Muro, digam-me lá?

E, após quilómetros de marcha sonâmbula aos pontapés às pedras e aos arbustos para não adormecer, acabou por desembocar numa vasta clareira batida pelo sol, onde se deteve, os olhos ofuscados pela luz súbita.

Quando os reabriu, verificou com um sorriso de compreensão irónica que da clareira partiam dois caminhos, os dois caminhos clássicos de todas as histórias de encantos e prodígios: um asfaltado, cómodo, ladeado de amendoeiras em flor; o outro, pedregoso e erizado de espinhos, urtigas e urzes.

– Bem – pensou. – Cá estão os dois caminhos fatais: o do Bem e o do Mal. (Como se houvesse caminhos nítidos do Bem e do Mal!) Já esperava por eles. Agora, para completar a comédia, falta apenas a respectiva fada... Uma fada a valer, de varinha de condão, que regule o trânsito à laia de polícia sinaleiro. Lá sem fada é que eu não passo.

E pôs-se de novo aos gritos de troça:

– Eh! Fada dos bosques! Aparece, rica fada da minha alma.

Então – ó pasmo dos pasmos! – João Sem Medo viu sair da espessura da floresta um ser prodigioso que de longe parecia uma mulher jovem e bela, cabelo loiro até a cintura, três estrelas de prata na testa, varinha na mão direita, roca na mão esquerda, túnica bordada de rubis e esmeraldas, chapins de latina e tudo o mais que as fadas costumam usar nos bailes de Entrudo.

No primeiro momento contemplou-a, deslumbrado. Mas, à medida que a observava mais de perto, o sorriso inicial desfez-se pouco a pouco em caretas de desconfiança.

– És a Fada dos Dois Caminhos? – inquiriu, duvidoso. – Palavra? Mostra cá o bilhete de identidade.

– Não acreditas? – protestou, para desviar a conversa, a hipotética fada com voz aflautada, *voz de máscara* aos guinchos. – Sim, sou a Fada Infalível, a Fada Lugar-Comum...

– Acredito, acredito... – concordou o rapaz por zombaria complacente.

E insistiu em examiná-la, com manifesta vontade de rir. E com razão. Pois a pseudofada parecia... Parecia, não. Era... Era mesmo um homem vestido de mulher, como se deduzia no desarrumo da cabeleira postiça à banda, no negror evidente da barba mal disfarçada por várias camadas de pó-de-arroz, além da maneira canhes-tra e hirta de andar e da falta daqueles mil e um ademanes femininos tão difíceis de imitar pelos homens. O jeito de pentear os cabelos com os dedos, por exemplo.

Embora não desejasse humilhá-lo, João Sem Medo não evitou um incondescendente riso de chacota.

– Que queres, filho? – explicou a fada falsificada, vexadíssima, a tropeçar na túnica. – Quando telefonaram para a Repartição da 3.^a Mágica a requisitar uma funcionária, só me encontrava lá eu, que sou contínuo, e uma fada já muito velhinha, muito perra, entrevada de reumatismo e com mais de 50 000 anos de serviço activo, quase na idade da reforma por inteiro, coitadinha! E então, por uma questão de prestígio, ofereci-me para esta fantochada. Nem quero pensar no que diria o Mago-Mor se não mandássemos uma fada válida para os Dois Caminhos. Pregava-nos uma descompostura tremenda. Foi por isso que me mascarei e vim... Não julgues, porém, que não percebo de artes mágicas!

E estadeou cheio de soberba vaidosa:

– Aqui, onde me vês, transformo com um piparote homens em ratos. E até deito flores pela boca. E sapinhos... Queres ver?

– Não, não – interrompeu João Sem Medo. – Acredito. Embora não entenda porque, sabendo tu tanto de artes mágicas, não te transfiguraste logo em mulher em vez de recorrer a esses ridículos caracóis postiços.

– Porque, segundo a regra primeira da Constituição Secreta do Mundo, só as aparências são susceptíveis de mudança e nunca o que existe de mais profundo

nos seres. O sexo, por exemplo. Por mais que isso te espante, ser-me-ia fácil transformar-te em rato, mas nunca em rata.

– Bem, bem. Deixa-te de lérias – impacientou-se João Sem Medo. – E, já agora, toma a sério o teu papel de fada e aconselha-me qual dos caminhos devo seguir: o asfaltado ou o dos pedregulhos?

– Olha, menino – elucidou o contínuo, de roca debaixo do sovaco, a aconchegar a cabeleira para esconder melhor o luzidio da careca –, o bom caminho conduz à Felicidade. E o mau, à infelicidade...

– Vou pelo bom caminho, como é costume, claro – resolveu João Sem Medo, embora desconfiado de tanta facilidade aparente. – O contrário seria idiota e doentio.

E propunha-se iniciar a caminhada pela estrada das amendoeiras, quando a fada fingida o reteve com um gesto imperioso:

– Espera. Preciso de prevenir o guarda do Caminho da Felicidade por causa das formalidades da praxe. É só um minuto.

E, através do microfone de prata que extraiu da algibeira da túnica, enviou magicamente na língua das fadas, aliás muito parecida com o silêncio, uma mensagem ao tal guarda, por certo a muitas léguas de distância.

– Pronto – exclamou, no fim da conversa –, o automóvel vem já aí buscar-te. Adeus e felicidades.

E o marmanhão, agora de calva à mostra e túnica arreçada, sumiu-se na floresta.

Daí a segundos, num fulgir de relâmpago, estacou perto de João Sem Medo um automóvel de oiro, sem condutor nem passageiros, de onde se desprenderam dois braços mecânicos que pegaram no rapaz com delicadeza cuidadosa e o recostaram nas almofadas. Em seguida, fechada a porta com rapidez automática, o carro despe-

diu (a 3000 quilómetros à hora) e parou *quase no instante da partida* diante de uma casa de mármore branco em forma de cubo.

Janelas, nenhuma. Apenas uma portita ao centro. E na laje em frente da soleira, um cepo, um machado e uma pesadíssima cadeia de ouro.

– Que significa isto? – perguntou João ao ente misterioso que não guiava o automóvel mágico.

Mas o auto limitou-se a depô-lo em terra. E desapareceu no horizonte, mudo e faiscante, a acenar adeusinhos com um dos braços de metal...

Quase ao mesmo tempo assomou à porta do cubo uma figura monstruosa. Homem? Talvez; mas a quem tivessem decepado a cabeça, aberto dois olhos redondos no peito e talhado no estômago uma boca de lábios grossos e carnudos que tentaram sorrir para João Sem Medo enquanto articulavam esta saudação com voz desentoada de ventríloquo:

– Que a paz e a estupidez sejam contigo. Vens preparado para a operação?

– Que operação? – interrogou João Sem Medo, suspeito.

O descabeçado, de cigarrilha na boca do estômago, expôs-lhe então com paciência burocrática:

– Ninguém pode seguir o caminho asfaltado que leva à Felicidade Completa sem se sujeitar a este programa bem óbvio. Primeiro: consentir que lhe cortem a cabeça para não pensar, não ter opinião nem criar piolhos ou ideias perigosas. Segundo e último: trazer nos pés e nas mãos correntes de ouro...

João Sem Medo ouriçou-se numa reacção instintiva:

– Nunca! Bem se vê que não tens a cabeça no seu lugar.

– Realizada esta insignificante intervenção cirúrgica – prosseguiu o monstro imperturbável –, ninguém te

impedirá de gozar o resto da vida na boa da pândega e da abastança. E tudo de graça. Porque quem não tem cabeça não paga nada.

Esta gracinha parva ainda convenceu mais o nosso herói a obstinar-se na recusa:

– Não, nunca. Então prefiro o outro caminho.

– Palermo! – lamurinhos o guarda com os olhos do peito marejados de lágrimas sinceras. Vais passar fome, sofrer dias de terror aflito...

– Deixá-lo. Prefiro tudo a viver sem cabeça. Nem calculas a falta que ela me faz.

– Não te faz falta nenhuma – contrariou o monstro, que acrescentou este comentário imbecil: – Pelo contrário: evitas o trabalho de ir ao cabeleireiro de quinze em quinze dias.

Mas ante uma careta de João Sem Medo apressou-se a afrouxar-lhe a cólera com esta proposta:

– Ainda tens talvez outra hipótese. Invocar o parágrafo 100 do artigo 4579 do Regulamento Interno e requerer a concessão que todos os Homens de Representação Pública costumam obter automaticamente em virtude das exigências estéticas do seu cargo. Isto é: em certos casos especiais, os cirurgiões, em vez de degolarem os felizardos, sugam-lhes os cérebros por palhinhas, deixando a casca por fora intacta, para inglês ver... Oh!, espera, espera! Não te vás embora ainda. Escuta. Também podes requerer a substituição da cabeça. Por uma melancia, por exemplo. Ou uma bola de futebol que é o enxerto mais vulgar. Ou uma bolinha de ténis que fica sempre tão bem nas pessoas finas, elegantes, esbeltas... Espera. Ouve.

Mas João Sem Medo nem lhe respondeu. Já ia longe, passo bem marcado, orgulhoso de sentir a cabeça nos ombros. E horas depois, quando chegou à clareira, enveredou, decidido, pelo caminho dos cardos e das árvores sinistras, a gritar desafiante para a floresta:

– Bem sei que podem perseguir-me, arrancar-me os olhos, torcer-me as orelhas, transformar-me em lagarto, em morcego, em aranha, em lacrau! Mas juro que não hei-de ser infeliz PORQUE NÃO QUERO.

E João Sem Medo continuou a subir o caminho árduo, resoluto na sua pertinácia de ocultar o medo – a única valentia verdadeira dos homens verdadeiros.

